



A TRAJETÓRIA INTELECTUAL E A TEORIA DE FRANKL: SOBRE OS OMBROS DE GIGANTES

Frankl's intellectual trajectory and theory: on the shoulders of giants
La trayectoria intelectual y la teoría de Frankl: Sobre los ombros de gigantes

SAM CYROUS*
MARIA INÊS GANDOLFO CAONCEIÇÃO**

DOI: <https://doi.org/10.62506/0hwgbb48>

Resumo: O artigo propõe uma retomada de aspectos contextuais que marcaram a trajetória de Viktor Frankl e que foram integrados à formulação da Logoterapia e Análise Existencial. A partir de três perspectivas – biográfica, experiencial e intelectual –, sustenta-se que a compreensão de seu pensamento requer situá-lo em suas circunstâncias históricas e nas interlocuções teóricas que o constituem. Nesse horizonte, delineiam-se os fundamentos da Logoterapia como uma abordagem centrada no sentido (logos), estruturada na liberdade da vontade, na vontade de sentido, e no sentido da vida, compreendendo o último como algo que se realiza na relação com o mundo e com o outro. Focado na trajetória intelectual, o texto explicita, ainda, diálogos com diferentes tradições filosóficas e psicológicas que contribuíram para a elaboração de sua proposta. Argumenta-se que essa leitura permite evidenciar a densidade teórico-contextual da obra frankliana e sua inserção no campo das psicoterapias de orientação fenomenológico-existencial.

Palavras-chave: Logoterapia; Liberdade; Relações Interpessoais; Análise Existencial.

Resumen: El artículo propone una revisión de aspectos contextuales que marcaron la trayectoria de Viktor Frankl y que fueron integrados a la formulación de la Logoterapia y Análisis Existencial. A partir de tres perspectivas – biográfica, experiencial e intelectual –, se sostiene que la comprensión de su pensamiento requiere situarlo en sus circunstancias históricas y en las interlocuciones teóricas que lo constituyen. En ese horizonte, se delinean los fundamentos de la Logoterapia como un enfoque centrado en el sentido (logos), estructurado en la libertad de la voluntad, la voluntad de sentido, y el sentido de la vida, comprendiendo el último como algo que se realiza en la relación con el mundo y con el otro. Enfocado en la trayectoria intelectual, el texto explicita, además, diálogos con diferentes tradiciones filosóficas y psicológicas que contribuyeron a la elaboración de su propuesta. Se argumenta que esa lectura permite evidenciar la densidad teórico-contextual de la obra frankliana y su inserción en el campo de las psicoterapias de orientación fenomenológico-existencial.

Palabras-clave: Logoterapia; Libertad; Relaciones Interpersonales; Análisis Existencial.

Abstract: The article proposes a review of contextual aspects that marked Viktor Frankl's trajectory and were integrated into the formulation of Logotherapy and Existential Analysis. From three perspectives – biographical, experiential, and intellectual –, it argues that understanding his thought requires situating it in its historical circumstances and theoretical interlocutions that constitute it. On this horizon, the foundations of Logotherapy are outlined as an approach centered on meaning (logos), structured on the freedom of will, the will to meaning, and the meaning of life, understanding the latter as something that is realized in relation to the world and to others. Focusing on the intellectual trajectory, the text also makes explicit dialogues with different philosophical and psychological traditions that contributed to the elaboration of his proposal. It argues that this reading allows highlighting the theoretical-contextual density of Frankl's work and its insertion in the field of phenomenological-existential psychotherapies.

Keywords: Logotherapy; Freedom; Interpersonal Relations; Existential Analysis.

* Universidade de Brasília, UnB, Brasília. Email: shcyrous@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7097-6285>

** Universidade de Brasília, UnB, Brasília. Email: inesgandolfo@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4052-3813>



Introdução

Heurísticamente, pode-se arriscar dizer que há três versões de Frankl, a primeira das quais a pessoa do Viktor Emil, cuja figura e trajeto podemos admirar. Uma segunda versão, mais conhecida, de Frankl nos Campos de Concentração. E uma terceira que é o Frankl pensador e intelectual que criou a Logoterapia e Análise Existencial. Nas palavras de Bianchi (2020), “estudar o indivíduo na História permite-nos tentar entendê-lo no meio em que viveu, suas relações com sua classe e seu grupo, além de estudar suas obras e buscar as influências e desdobramentos de suas ideias, ou seja, mostrar o significado histórico da vida de um indivíduo” (p. 10). Por isso, compreender Viktor Emil Frankl é compreender as circunstâncias que conduziram o seu pensamento, através de um diálogo entre suas próprias ideias e as ideias que foi encontrando em sua trajetória intelectual.

Viktor Emil Frankl nasceu em março 1905 e faleceu em setembro em 1997, filho do século XX e de pais judeus. Prisioneiro de três campos de concentração (Theresienstadt, Auschwitz e Dachau¹) sob o número 119.104, Frankl passou pelas agruras da Guerra. Casado em dezembro de 1941 com Tilly Grosser, viria a sofrer perdas devastadoras ao longo dos anos seguintes. O filho ou a filha, ainda por nascer (Harry ou Marion), foi vítima de aborto compulsório decretado pelo estado. Perdeu também a esposa, cujos detalhes sobre os últimos dias de vida só viria a conhecer já no Brasil. O pai faleceu em Theresienstadt, quando ainda estavam todos reunidos, e, posteriormente, tomou conhecimento da morte do irmão e da mãe, quando liberto dos campos em abril de 1945. Apenas ele na Áustria, e sua irmã na Austrália, estariam vivos, vindo a falecer pouco tempo depois de perder a sua irmã em 1997. Nesse ínterim, ao perder a primeira esposa, também nos campos, casou-se novamente com Elly Schwindt (1947), teve uma filha e dois netos.

Sua casa continua sob a gerência da família, principal responsável pela contínua publicação de suas obras em vários idiomas. Viveu a vida falando sobre sentido de vida, inspirado, entre outros, pelo sofrimento trágico que os campos lhe proporcionaram, sem desistir da vida, já que inclusive nos campos trabalhou salvando pessoas do suicídio (na prevenção e no cuidado aos sobreviventes das tentativas), como inclusive teria feito antes, no cuidado de jovens com intenção de morte por suicídio nos Centros Juvenis que havia criado em sua própria juventude. Tornou-se palestrante, professor universitário e viajou o mundo. Ao Brasil veio em 1984 pela primeira vez, para Porto Alegre, a convite da professora Izar Aparecida Xausa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde recebeu, em 28 de abril de 1984, o doutorado *honoris causa*, título que lhe foi também agraciado pela Universidade de Brasília. Retornou ainda duas vezes ao Brasil, estando no Rio de Janeiro em 1986 e em Brasília em 1987.

Sobre seu trabalho, Frankl (2010) chega mesmo a dizer que todo aquele que desenvolve um sistema de psicoterapia, descreve apenas a sua história. Isso nos faz recordar Ortega y Gasset (1914) quando afirma: “Eu sou eu e minha circunstância, e se a ela não salvo, não me salvo a mim. (...) Ou seja, buscar o sentido do que nos rodeia” (p. 26). Circunstâncias são, etimologicamente, tudo o que que está erguido à nossa volta ou, se preferirmos, aquilo que simplesmente está conosco. São nessas circunstâncias que moldam o percurso de formação e desenvolvimento dos pensamentos de um intelectual e que também nos atravessam a nós, estudiosos, na tarefa de compreender as raízes desse pensamento. Assim, compreender quem são as pessoas à volta é compreender o autor que enxerga mais longe, criando uma escola de pensamento.

É isso que o adágio latino, possivelmente do século XII, *nani gigantum humeris insidentes* diz: “duendes em pé sobre ombros de gigantes” enxergam mais longe. Talvez por isso tantas vezes Frankl revisita a expressão popularizada por Newton, em uma carta datada de 5 de fevereiro de 1675, para Robert Hooke: “se vi mais longe, foi por levantar-me sobre os ombros de gigantes”. Porque para conhecer Frankl, torna-se necessário conhecer os gigantes sobre os quais ele se ergue.

A Logoterapia, Breve Traçado Teórico

A ciência ou escola de pensamento fundada por Frankl, a Logoterapia e Análise Existencial, deriva seu nome do grego *logos*, que, entre outras coisas significa *sentido*. Uma forma muito simplista de defini-la seria então dizer que a Logoterapia seria a terapia a partir do sentido, seja esse o da vida, no seu geral, ou a dos acontecimentos específicos, que ocorrem em cada vida. Contudo, ela é mais complexa que apenas isso, já que enquanto conceito teórico, o sentido se assenta sobre outros dois aspectos, que criam o que Frankl (2020) designa de “cadeia de [três] elos interconectados” (p. 22).

¹ No caso de Dachau, considerando seu vasto sistema que alcançava 140 subcampos, com 67.665 prisioneiros registrados, Frankl esteve em Kaufering e Türkheim (Fonte: encyclopedia.ushmm.org).



O primeiro, Liberdade da Vontade, implica a ideia de que o ser humano é livre, ainda que haja condicionantes que influenciem sua vida: é livre para adotar uma posição, para além e apesar das condicionantes. Graças a essa vontade que é livre, o ser humano consegue refletir sobre si e suas ações e até rejeitar a si e suas ações. É a isso que Frankl (2016) se refere quando explica que a pessoa é “livre para”, mesmo não sendo “livre de” (p. 62):

Evidentemente, o homem está determinado, isto é, sujeito a condições (...) e, neste sentido, de modo algum é livre: o homem não está livre de condições e, em geral, não está livre *de algo*, mas está livre para algo, quer dizer, livre para uma *tomada de posição* perante todas as condições (Frankl, 2016, p. 62).

No fundamento de Liberdade da Vontade, percebe-se ainda que a liberdade vem associada à responsabilidade (*Verantwortung*), que nada mais é que a capacidade de oferecer respostas (*Antworten*) às situações da vida, uma tomada de posição ante as condições. Frankl explica que mesmo perante a incapacidade de controlar ou escolher as contingências que afetam, somos sempre capazes de escolher as ações.

O segundo elemento, a Vontade de Sentido, contrapõe-se às vontades de prazer e de poder que podem dominar seres humanos. Enquanto o último é um meio para um fim (o poder é visto como elemento para poder alcançar o propósito), o primeiro é um epifenômeno ou recompensa do fim. E quando se confundem com o fim em si mesmo, catapultam uma espécie de alienação na pessoa, onde emergem a vontade de poder — que pode conduzir a comportamentos e atos de agressão — e a vontade de prazer — com adições e vícios das mais diferentes índoles. É assim que Frankl propõe que o elemento motivacional nuclear da existência humana, o fim ao qual se deve almejar, é a vontade de sentido que, se não alcançada, pode levar à sensação de vazio existencial. Essa centralidade da vontade de sentido explica porque a intencionalidade muitas vezes parece frustrar o alcançar de objetivos centrados em si mesmos — seja buscando incessantemente a felicidade, ou a busca de poder político que atropela processos e pessoas, a busca de prazer frustrada num ato sexual ineficaz, ou em mudanças estéticas por meio de procedimentos diversos que nunca parecem esgotar.

A Vontade de Sentido é, então, a motivação para a ação, enquanto o Sentido da Vida, o terceiro e derradeiro elemento dessa cadeia, seria como se fosse a própria ação ou meta em si. Frankl (2022) chega a comparar o sentido com ação, afirmando “nossa resposta pode ser uma resposta ativa, dada por meio de uma ação” (p. 39), para depois acrescentar: “só nos resta ainda uma coisa: agir, e agir no cotidiano” (p. 125). De maneira ilustrativa, Frankl (2020) narra o texto talmúdico, constante de Gênesis, Êxodo e Números, sobre o pilar de nuvem que ia à frente dos hebreus conduzindo o seu caminho pelo deserto. De dia, o pilar mantinha-se em movimento, e os hebreus percorriam o deserto em seu encaço, sem alcançá-lo; por vezes o pilar de nuvem em movimento parava se convertia num pilar de fogo imóvel que iluminava o acampamento. Ora, se a nuvem parasse, os hebreus teriam uma neblina, e se o fogo andasse incendiaria e mataria tudo à sua volta. Frankl revisita a versão nuvem do pilar, explicando que: o sentido é movimento, o ser é a essência tal como se é, e o processo é ir em direção aonde se deveria estar, ainda que nunca se alcance, porque o movimento é tensional, é uma busca. A versão fogo do pilar ensina também que o sentido varia conforme a ocasião. Desta forma, o sentido não é apenas ação, é mudança; não é apenas movimento é pilar; não é apenas pessoal, é externo, na medida que nenhum hebreu tinha dentro de si a nuvem (ou o fogo). Afinal, “o sentido marca a marcha do ser. A existência vacila, a menos que seja vivida nos termos de uma transcendência em direção a algo além de si mesmo” (Frankl, 2020, p. 31).

E há, em sua concepção, duas formas de viver a experiência dessa tensão entre ser e sentido. À primeira chama de *peacemakers* (pacificadores) e à segunda *pacemakers* (marcadores de passo). Os pacificadores são os que buscam amenizar conflitos e aliviar “o fardo da confrontação de sentido” (Frankl, 2020, p. 32), são os que tentam acalmar e reconciliar. Já os marcadores de passo são os que marcam o passo dos processos, orientados em direção aos sentidos, como Moisés que “não aliviou a consciência humana; ao contrário, ele a incitou” (Frankl, 2020, p. 32). Só assim a liberdade se torna responsabilidade, uma “responsabilidade *perante* algo, seja a sociedade, a humanidade ou a própria consciência” (Frankl, 2020, p. 32). Assim, não é possível prescrever um sentido a terceiros, porque a pessoa precisa marcar seu próprio passo e é papel do profissional de Logoterapia ampliar a visão da pessoa, fazendo-a ver seus feitos, trabalhos, ações criativas que doa ao mundo (Frankl designa de valores de criação), sua abertura às experiências que recebe da vida (que designa de valores de vivência) e sua atitude perante elementos trágicos como dor, culpa e finitude ou morte (atitude que designa de valores de atitude e elementos que são a tríade trágica).

Para Frankl, a alteridade do ser é crucial. Afinal, os valores realizam-se na experiência com o mundo e não se autorrealizam dentro da própria pessoa. Erwin Strauss defendia que a experiência (ao menos a sensorial) era em simultâneo de si-mesmo e do mundo, e que não era sobre si-mesmo antes do outro, nem o outro sem si-mesmo, mas sobre ambos em simultâneo. Por isso, o sentido é encontrado no que nos rodeia. E é, por isso também, fundamental compreender que circunstâncias ou alteridade que Frankl evoca em seus escritos.



Os Gigantes

O pensamento e as circunstâncias intelectuais de Frankl emergem muito antes de seu nascimento, remontando porventura a Hipócrates (Ἱπποκράτης), que viveu entre os séculos V e IV a.C. Pensador inovador, focado no corpo físico, percebeu que as doenças que existiam na época manifestavam-se fisicamente, uma teoria inovadora à época. Segundo Hipócrates, as coisas possuíam dois tipos de espíritos, o *espírito vital* e o *espírito animal*. O espírito vital provê vida, está presente no ar, de onde é sintetizado a partir do ato de respirar e inspirado pelo corpo, transmitido pela veia pulmonar até o coração, e daí para o sistema circulatório através das artérias. Uma vez no cérebro, o espírito era lá sintetizado e transportados para o resto do corpo, via sistema nervoso; nesse processo de síntese ele se convertia no espírito animal, responsável pelas sensações e por movimentos voluntários, exclusivos dos animais. Hipócrates focava, na medida do que a ciência da época permitia, a dimensão física. Afinal, todos temos um corpo.

Com a consolidação da medicina, no final do século XIX, um jovem médico em Viena, Sigmund Freud, trabalhou outras questões que se viram publicadas em 1900, sob o título original *Die Traumdeutung* (A Interpretação dos Sonhos). Se Hipócrates havia dado um primeiro passo, focando na dimensão física, e, por consequente, no nascimento da medicina ocidental, Freud deu o segundo, e institui a importância da estrutura psíquica, e a psiquiatria nasceu (ou consolidou-se).

Assim, entre os gigantes que Frankl diz ter-se erguido para ver mais longe, estão Freud e Alfred Adler. Adler (2005) diz que o foco humano está no “sentimento de solidariedade” (p. 37) social, o que determina a atitude e a orientação da pessoa. É na comunidade, nas relações com a comunidade, nos processos educacionais, circunstanciais, relacionais que somos e descobrimos quem somos. Para Adler, o sentimento de dignidade humana advém do estreito vínculo da comunidade, já que ser humano é ser parte de um todo e, mais, sentir-se parte de um todo. Em uma de suas obras, chega a dizer que se pensamos na vida do homem, ou das pessoas, ou da pessoa, na existência da raça humana, não podemos compreender a sobrevivência dessa raça humana, a não ser que consideremos a ajuda que se conquista quando se une cada um de nós a essa comunidade humana.

Com Freud e Adler, Frankl encontra espaço para começar a desenvolver seu pensamento científico sobre o sentido da vida e temas como liberdade e responsabilidade. Notou, contudo, o que veio a chamar de psicologismo em ambos: a psicanálise focada na vontade de prazer e a psicologia individual na de poder. Por um lado, Freud atribuía a auto-preservação (ou vida) ao Eros, como pulsão de atração a elementos prazerosos, já que é responsável pela regulação da libido governada pelo princípio de prazer (manifesto inclusive em todas as fases da vida, com o ser humano buscando prazer focado a diferentes partes do corpo); por outro lado, Adler dizia que diferenças ou desequilíbrios de poder na sociedade eram uma constante que precisaria ser trabalhada, para que a comunidade (ou qualquer outra estrutura social) possa sobreviver, cunhando expressões como *complexo de superioridade* e *complexo de inferioridade*. Eventualmente trocou correspondência com Freud, que publicou trecho de uma carta, na qual explicava a relação entre o comer de uma criança e a comunicação não-verbal, no *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* (1924), e foi aluno direto de Adler, em cuja associação adentrou influenciado por Allers e Schwarz.

Rudolf Allers e Oswald Schwarz, apesar de pouco conhecidos, são dois dos gigantes que influenciaram muito o pensamento do jovem Frankl. Schwarz era cirurgião, especialista em urologia, do Hospital Policlínico de Viena, e um dos fundadores do que hoje chamamos de psicossomática. Concebe uma relação entre corpo e mente, pela qual transtornos mentais podem ter manifestações físicas. A 23 de setembro de 1925 foi quem assinou a entrada na Sociedade de Psicologia Individual do jovem Frankl, impressionado pelos *insights* acadêmicos e científicos e pelas reflexões do pensador, mas sobretudo por sua coragem. Junto com Allers, Schwarz começou a explorar a sexualidade, tornando-se guia e companheiro de Frankl. Frankl aprendeu com Schwarz que há algo além do psicológico e da somática. Por isso, é possível inferir que Schwarz influenciou Frankl a começar a pensar uma antropologia médica que se abre à dimensão espiritual (uma espiritualidade que nada tem a ver com o religioso), provocando reflexões sobre reducionismos antropológicos, como o psicologismo, e o perigo desses reducionismos no trabalho médico. Por isso também, Schwarz impulsionou Frankl a investir ainda mais na prática clínica, para conseguir compreender mais profundamente os seres humanos. Em 1925, Frankl publica “Psicoterapia e cosmovisão” no *Internationale Zeitschrift für Individualpsychologie* e em 1926 tentou inserir reflexões sobre o poder como meio e não como fim dos processos da Psicologia Individual.

Em 1927, no auditório do Instituto de Histologia em Viena, em evento no qual Adler estava sentado numa das primeiras fileiras, separado por uma cadeira vazia de Frankl, se assistia no palco Allers e Schwarz tecendo comentários sobre as limitações da Psicologia Individual, seus incômodos epistemológicos e científicos na Psicologia Individual de Adler, no que veio a ser a última noite de ambos na escola. Após a escuta, Adler olhou para o lado e perguntou às duas pessoas ao lado, uma sendo o Frankl: “E vocês heróis?”. A verdade é que Frankl viria a se afastar do gigante Adler.

Encorajado por Schwarz, o jovem Viktor Emil sistematizou e escreveu seus pensamentos sobre uma psicologia para além do psicologismo, uma psicologia que complementasse as demais perspectivas, em seu livro que veio a se chamar *Ärztliche Seelsorge*, que poderia ser traduzido em português como Cuidado Médico do Espírito. Começou a escrevê-lo em 1941, com o prefácio de Schwarz, mas o livro foi queimado em sua quase totalidade quando Frankl foi enviado a Auschwitz em 1944. O livro foi eventualmente reescrito, com



novas adições, incluindo relatos sobre a experiência nos Campos e como essas experiências se conjugavam com as hipóteses previamente desenvolvidas, por sua psicoterapia orientada à existência².

Na concepção de Frankl, a psicoterapia à luz da perspectiva adleriana carecia de algo a ser complementada. E esse algo foi descoberto em *Formalismo na Ética*, com o qual se depara ainda estudando Adler, de Max Scheler, orientado pelo filósofo e prêmio Nobel de literatura (1908) Rudolf Christoph Eucken. Para Eucken, os seres humanos têm uma alma e seu esforço deve ser alcançar uma vida espiritual por meio de um ativismo ético e um idealismo prático, uma visão focada na melhora da sociedade e no sentido da vida. Sob a influência de Eucken, Scheler publicou *Die Wissenformen und die Gesellschaft*, criando uma nova área de conhecimento, a sociologia do conhecimento, apresentando nela suas ideias sobre mente / espírito como impotente enquanto não se convertem em prática, realizadas em situações concretas. Para ele, o ser humano, ou *homo faber*, é um ser prático, que manipula as coisas para conseguir resultados desejáveis. Scheler fala ainda do amor ágape, motivado pela abundância; e, por isso, quanto mais amor existir, mais amor existirá. Fala da importância de encontrar um sentido nuclear para o conhecimento — diferente de consciência, na medida em que o primeiro advém da relação, não uma construção artificial, e a sua descoberta virá da vontade dos envolvidos. Com Scheler, Frankl conseguiu ver novas consistências em suas reflexões. O *homo faber* é o ser humano que executa, afinal, como diria “só nos resta ainda uma coisa: agir, e agir no cotidiano” (Frankl, 2022, p. 125), já que “é muito mais importante o que escrever livros ou ministrar conferências: pôr em prática o conteúdo consoante seu próprio ser. O que é posto em prática é muito mais efetivo” (Frankl, 2022, p. 30), não se importando com a quantidade de outros homens que também agem. É com Scheler que possivelmente Frankl passa a afirmar que o sentido da vida, preocupação que tinha desde jovem, é, como o conhecimento, descoberto, na relação, tendo o amor um papel no processo. Afinal, “o encontro preserva a humanidade da parceira; o amor descobre a unicidade como pessoa” (Frankl, 2005, pp. 66-7). Para Frankl, o amor, advindo de uma dimensão profunda que Scheler (2017) denominaria de “essência” (p. 22), manifesta-se com mais força no encontro dialógico que permite compreender o que faz cada pessoa única e singular. E esse processo, de ir em direção a algo maior, permite a descoberta do que Frankl designa de sentido, ou logos.

Scheler (2017), como que esclarecendo a perspectiva adleriana, oferece o derradeiro convite para que Frankl saísse da Psicologia Individual, ao afirmar o papel do poder, central para aquela teoria: “Qualquer dever está fundado num *poder* e esta consciência do poder, do poder espiritual para ser *mais* o que aquilo em que nos tornamos, nas condições (...), é o que nos dá a última certeza intuitivamente evidente da sobrevivência” (Scheler, 2017, p. 68). Assim, poder assume um papel de meio e não fim, um meio para ser mais do que se é, uma caminhada em direção a algo que transcenda. Nas palavras de Frankl (2022), “nesse caminho de ser amado, ele alcança o que, em suas realizações, tem que conquistar como mérito, sem qualquer mérito” (p. 89), mudando a lógica do *homo faber* para um novo ser, o ser que ama, o *homo amans*. O ser humano agora vê o que Platão chamaria de os Transcendentais, o bom, o belo e o verdadeiro, elementos centrais para a realização do sentido, não por esforço ou mérito, mas pela graça, diria Frankl, da presença do outro. O amor a uma pessoa torna-se então o logos encarnado na pessoa única e singular, numa relação pessoal, havendo também um logos impessoal, do encontro que ocorre pela autotranscendência, característica exclusivamente humana. E o encontro assume o papel de permitir às pessoas, em coexistência e abertas ao logos, transcenderem a si mesmas (autotranscendência) enquanto auxiliam na transcendência mútua (transcendência). Essa ideia de *encontro* terá porventura nascido do conhecimento que Frankl tinha de Buber, até porque, em dado momento, cita-o como um dos responsáveis pela descoberta do “lugar central que o encontro ocupa na vida do espírito humano”, uma vida que é dialógica e, portanto, possível apenas “entre um Eu e um Tu” (Frankl, 2005, p. 61).

Em seu clássico *Eu e Tu*, Buber (2003) descreve os conceitos de Eu-Isso e Eu-Tu. No primeiro caso, por meio da experiência e do uso, surge uma consciência individual de si mesmo enquanto se afasta dos demais seres, enquanto no segundo, a consciência subjetiva percebe a si e ao outro como sujeitos, na medida em que se aproximam. No primeiro, demarca-se e no segundo contacta-se, relaciona-se, e “quem está na relação participa de uma realidade” (p. 66) da qual não se apossa, porque a realidade Eu-Tu é aquela na qual ambos são sujeitos e sua participação se torna mais completa, permitindo que mais o Eu se torne real. Assim, a pessoa Eu da relação Eu-Isso não compreende mudança, “porque conhecer-se significa (...) construir uma autoaparência forte e convincente cada vez mais apta para totalmente o iludir; e, pela contemplação e veneração de tal aparência, obter a ilusão de conhecer seu próprio *ser-assim*” (Buber, 2003, p. 67). O mundo para esta pessoa é uma realidade permanente, funcional, usável; enquanto a pessoa Eu da relação Eu-Tu está em diálogo e “concretiza-se na conversação” (Buber, 2003, p. 69). Talvez a isso se refira Frankl quando fala de um “monólogo recíproco”: à relação Eu-Isso, já que nos encontros Eu-Tu há logos e diálogos (Frankl, 2005, p. 61), ou, nas palavras de Buber (2003), “o espírito não está no *Eu*, mas entre o *Eu* e o *Tu*” (p. 43), o logos não ocorre na pessoa, mas na relação! Talvez por isso não haja planos ou saber prévio no verdadeiro diálogo, apenas a reciprocidade da relação. Talvez aqui se adquira a verdadeira liberdade da relação Eu-Tu: a liberdade de não julgar o outro,

² A saída de Frankl da Psicologia Individual levou-o a várias vezes cruzar com Adler em um café por ele frequentado, sem jamais ser cumprimentado pelo seu ex-mestre, apesar da amizade mantida com Alexandra, a filha de Alfred. Já Schwarz, após a Guerra, em Londres, com uma natural saudade de sua terra natal, trocava correspondência com Frankl; numa das quais dizia que ninguém estava interessado nos esforços em criar uma psicoterapia orientada à existência. E, sem ver sentido para mais, acabou por tirar a sua própria vida em 1949.



onde ambos conhecem “a relação e a presença do *Tu*” (Buber, 2003, p. 55) e não se enxergam como “mero meio para um fim” para “manipulá-lo” (Frankl, 2020, p. 96). Para Frankl, o diálogo só existe entre o Eu e o Tu. Frankl (2005) explica que, segundo a Teoria da Linguagem, a relação acontece quando há expressão do Eu que apela ao Tu, por meio da representação da realidade, dirigindo-se ao outro comunicando sobre algo.

Essa teoria é de Karl Bühler, psicólogo especialista em linguística, residente na mesma rua onde Schwarz morava. Amigo pessoal de Frankl, Bühler, professor universitário de psicologia, considerava necessário que as palavras tivessem um plano operacional, que permitisse ordenar as palavras pensadas. Objetos ou situações teriam então que ser pensadas e representadas simbolicamente, para poderem ser expressas por um emissor com um apelo ao receptor. Essa perspectiva, que complementa a posição de Buber, permite que cada sujeito assuma a cada momento a posição de Eu, enquanto o outro assume a posição de Tu, numa flutuação constante. O primeiro desafio da dupla Eu e Tu, talvez seja então, quando ambos em comunicação, representam coisas dentro de um mesmo padrão linguístico. Assim, Bühler esclarece, há uma dominância da função representativa na comunicação, porventura pela necessidade de ambos falarem conceitos compreensíveis e tangíveis ao outro. Para Bühler (2020), “coisas e processos perceptivos foram os primeiros a demandar nomes” concretos (p. 291) e, com o tempo, a sociedade foi criando nomes e conceitos, ou signos e símbolos, que foram sendo usados de maneira a representar um vasto campo de fenômenos. Por fim, é no apelo que se torna evidente o comportamento do receptor, convidando-o a uma ação que só cabe numa “*história dos atos*” (p. 95), o que permite também entender o que aconteceu ou predizer o que acontecerá, ou seja, prover um contexto histórico, um “campo de ação” (p. 94).

Um diálogo frankliano, uma comunicação bühleriana ou um encontro buberiano assentam-se sobre os mesmos pressupostos de ver o outro não como objeto, mas como sujeito, e a essa relação como uma relação dialógica, no senso em que só se atinge a meta se, para Buber, houver um encontro, para Bühler, houver a expressividade com ideias representadas que convoquem e apelem a uma ação e, para Frankl, um respeito tal que permita o encontro de um sentido que é compartilhado. A expressão de si mesmo seria uma forma distorcida desse processo comunicacional, que impediria o que Frankl chama de autotranscendência, enquanto a mera representação de um conceito não leva a nenhuma ação. E, como deixa claro Frankl, “O que é posto em prática é muito mais afetivo. A palavra, por si só, realiza muito pouco” (Frankl, 2022, p. 30).

Há ainda um aspecto relevante do pensamento de Karl Bühler: o conceito de Eu. Bühler convida a uma reflexão no mínimo curiosa. Ele propõe a possibilidade de o termo *ho* do indo-europeu tenha evoluído para *gho* no protogrego, dando origem à palavra *ego* em grego e, conseqüentemente, *eu* em português. Ao mesmo tempo, a mesma palavra indo-europeia *ho* pode ter evoluído para o latim *hic* que deu origem a dois conceitos em alemão, o *ich* (eu) e o *hier* (aqui). Postulamos então, ao menos etimologicamente, a raiz das palavras *eu* e *aqui* como a mesma. Em termos de comunicação e seus signos e símbolos não é muito distinto: ambas palavras convidam o receptor da mensagem à mesma ação, olhar para a pessoa que emite ou para o local que a mensagem é emitida, e a fonte e a posição do falante são virtualmente a mesma coisa. Isso permite conjecturar sobre a facilidade de muitos focarem no que poder-se-ia chamar de Eu-Aqui, fonte referencial da visão de mundo de cada um, de seu referencial e, por ende, da sua imaginação. Nossas expressões se baseiam, portanto, nas nossas experiências pessoais, e nossa compreensão do apelo do outro advirá também de nossas experiências pessoais, e nosso Eu e de nosso Aqui. Destarte, Eu e Aqui poderiam ser considerados o mesmo fenômeno desde uma psicologia da comunicação. Por isso a empatia maior com aqueles que sentem dores similares às nossas e nos relacionamos com pessoas parecidas a nós. A esse fenômeno chamaria de autocentrismo, termo aqui cunhado para descrever o exato oposto da proposta de Frankl, o autodistanciamento, estratégia por ele proposta para esquecer de nós mesmos, afastando-nos de nós mesmos e de nossos problemas. Quando nos autocentramos, consideramos nosso mundo o único aceitável, com suas limitações e problemas e nossas ações são reações a fenômenos no mundo. Quando nos autodistanciamos buscamos algo para além desse mundo que nos é familiar, arriscaríamos em dizer um Tu-Aí. Se as teorias de Buber e Bühler se cruzam, é nessa ideia de autodistanciamento proposta por Frankl!

Em Karl Jaspers (2022) encontramos justamente essa ideia de esquecer de nós mesmos e nos satisfazer-mos “praticando aqueles conhecimentos” (p. 36), usando a comunicação que “é apenas um veículo para significados impessoais e valores” e que são apenas possíveis na presença dos outros diferentes, já que “sozinho não sou nada”. O encontro “sem reservas entre seres humanos que convivem e lutam entre si em sua comunidade livre” é o que permite “preencher a vida” e “encontrar a verdade” (p. 42). Para Jaspers, ao superar os momentos trágicos de dor, falta de força, impotência que conduzem ao desespero, “novamente nos esquecemos de nós e deslizamos para a felicidade” (p. 37).

Nesse processo de autodistanciamento, a pessoa não incorre na “liberdade ilusória da arbitrariedade, que se entende como autonomia supostamente absoluta do ‘eu quero’”, e “a maior liberdade é experimentada no desapego ao mundo, e essa liberdade mantém uma ligação profunda com a transcendência”. A pessoa que chamamos aqui de autocentrada, cedo ou tarde terá sua ilusória liberdade convertida em “perplexidade do estar-vazio”, “desespero para ser si mesmo” e “desespero para não ser si mesmo” (Jaspers, 2022, p. 61). Enquanto isso, Frankl propõe a conjunção com a autotranscendência, de ser mais do que se é. Nesse contexto, poder-se-ia dizer que o autocentrado quer as coisas e o autodistante e autotranscendente sabe seu dever, sua vocação (apelo, chamado) para realizar suas possibilidades únicas, que não se repetem (Frankl, 2015, p. 124). Por isso,



Frankl (2015) recorda que “Jaspers denomina o ser o homem como um ser ‘que decide’ um ser que não ‘é’, sem mais, mas que só em cada caso decide ‘o que ele é’” (p. 75), ou o que deveria ser.

A totalidade do fenômeno da existência humana é inefável e não pode ser circunscrita, exceto por uma frase “eu sou”. Esse “eu sou” fora, primeiramente, interpretado nos termos de “eu tenho de” (ou seja, sou forçado por certas condições e determinantes, impulsos e instintos, hereditariedade e fatores, e impactos ambientais), ao passo que, no período seguinte, o “eu sou” foi compreendido nos termos de um “eu posso” (isto é, tenho capacidade de realizar este ou aquele aspecto de meu ser).

Um terceiro conceito, no entanto, ainda está faltando. Pois, se quisermos alcançar uma visão apropriada da realidade humana em sua plena dimensionalidade, devemos ir além das necessidades e das possibilidades e trazer — somando-se aos aspectos do “eu tenho de” e do “eu posso”, que integram o fenômeno total “eu sou” — aquela dimensão que pode ser chamada de “eu devo” (Frankl, 2020, pp. 71-72).

Com isso, Frankl explica que não se trata meramente de seguir os ditames da biologia ou do ambiente, nem meramente falar do potencial como no pensamento atribuído a Píndaro. Trata-se de responder às questões que a vida coloca ante cada um, já que, por um lado, há o que ele já fez e, por outro, o que ele ainda deveria fazer. Essa resposta que se dá às situações é o verdadeiro exercício da liberdade, uma liberdade que é, sem sombra de dúvidas, de sua responsabilidade. E, por isso, a etimologia novamente oferece esse paralelo: para recordar-nos a todos que as RESPostas que devemos dar são da nossa RESPonsabilidade — a mesma raiz etimológica não é acaso! “A logoterapia vê na responsabilidade a essência mesma da existência” (Frankl, 2020, p. 33). Por isso, o conceito de autorresponsabilidade, tão em voga em alguns círculos, torna-se obsoleto por sua redundância: o ser humano é responsável por suas escolhas, escolhas essas que “deverão ser realizadas e, assim, resgatadas para a eternidade” (Frankl, 2020, p. 66).

Se ficarmos pelo querer-Ser apresentado acima por Jaspers, fala-se apenas em liberdade ou, melhor, na ilusão de liberdade. Apenas o dever-Ser permite a plena liberdade, articulada com responsabilidade. Por isso, liberdade e responsabilidade são um binômio fundamental da Logoterapia. Com essa compreensão, percebe-se que:

O que “eu devo” fazer, contudo, é, em cada caso preencher o sentido concreto que me desafia em cada situação de minha vida. Em outras palavras, quando trazemos à baila “eu devo”, complementamos o aspecto subjetivo da existência humana, o *ser*, com sua contraparte objetiva, que é o *sentido* (Frankl, 2020, p. 72).

O ser humano, portanto, é livre e responsável por, a cada situação, seja ela aprazível ou não, decidir realizar o seu sentido. E não cabe a ninguém prescrever ou decidir o sentido da vida ou das situações de terceiros, porque, entre outros, retiraria da pessoa em causa, sua responsabilidade por suas respostas às questões colocadas pela vida. Mas, não podemos nos iludir: “há algo terrível na responsabilidade do ser humano — e, ao mesmo tempo, algo magnífico!” (Frankl, 2020, p. 72). Sua periculosidade está no peso de que tudo o que decidimos fazer ou não, se eterniza, com suas potenciais consequências, imagináveis e inimagináveis. Mas sua beleza está em “saber que o futuro, o meu próprio e, com ele, o futuro das coisas, das pessoas ao meu redor (...) depende da minha decisão a cada momento” (Frankl, 2020, p. 127). Por essa ambivalência talvez “em média, as pessoas são muito indolentes para assumir sua responsabilidade” (Frankl, 2020, p. 127).

É nesta mesma linha que Hermann Cohen (1995) esclarece que a compreensão de si mesmo só é possível quando a pessoa assume responsabilidade por seus atos, incluindo sua culpa e seu pecado. É importante pausar para esclarecer o conceito de *pecado*. Para Cohen (1995) pecados são consequências do livre-arbítrio, não um erro que porta um castigo divino; um equívoco ético que permite novas ações para uma possível redenção, onde uma nova forma de ser emerge, lembrando das palavras poéticas em Ezequiel que afirma que um coração de pedra como que se torna em coração de carne. O processo de se tornar a pessoa que se deveria ser é, em sua perspectiva: assumir seus pecados, renunciá-los e criar uma nova vida.

Ao assumir essa responsabilidade, a pessoa assume sua individualidade, afastando-se da humanidade, já que percebe quem é. Lendo Cohen (1995), extraímos duas lições de humildade: a primeira, que sofrer permite enxergar a si mesmo como imperfeito, e a segunda permite compreender a existência das imperfeições e dos sofrimentos de outros seres humanos. Então, ao mesmo tempo que instiga um “simples isolamento”, demanda também que esse seja “substituído pelo companheiro crente por uma nova e positiva responsabilidade” focada na comunidade, tanto pelo presente como pelo futuro. Afinal, como lembra: “todos os israelitas atestam uns pelos outros” (p. 369). Assim, a pessoa (*Mensch*) tem um sofrimento (*Leid*) que lhe é individual. Só que ao estar ante outros, percebe o sofrimento do companheiro, daqueles com (*mit*) quem se encontra, a comunidade (*Mitmenschen*), onde há um sentimento real de compaixão (*Mitleid*) — o sofrimento compartilhado ou, mais adequadamente, a compaixão: a capacidade comunitária de entender que todos sofrem, porque todas as pessoas erram!

Cohen (1995) afirmou que “uma medida dessa auto-responsabilidade é o reconhecimento do valor do sofrimento. Não pode ser eliminado. É a pré-condição para o indivíduo que é consciente de si mesmo. E o indivíduo é transferido às pessoas” (p. 229). Aqui emerge a consciência de si e, por ende, a consciência da existência da comunidade. Esse processo, por sua vez, existe apenas porque existe o amor, um “amor [que] não é



conhecimento" (p. 162), mas que complementa o conhecimento, um conhecimento que permite, em última instância, reconhecer "liberdade como a responsabilidade do homem" (p. 408) em buscar uma ética que lhe permita caminhar para a perfeição, ainda que nunca lá chegue. Por isso, "a mais elevada ação e a mais elevada realização permitida a um homem" é a aceitação de "um destino autêntico" onde "compreendemos igualmente as palavras de Hermann Cohen: 'A suprema dignidade do homem é o sofrimento'" (Frankl, 2015, p. 74).

É no sofrimento que o ser humano transcende e descobre do que é capaz, descobre seu mais profundo ser, e o *homo amans* se pode converter num *homo patiens*. *Patiens*, que em latim significa literalmente *o que sofre*, dá origem a diversos vocábulos tais como *paciência* e *paciente*. Mas em Logoterapia e Análise Existencial não se fala de uma paciência como se fosse resignação, mas uma paciência que age, que se move lendo a realidade e descobrindo novos sentidos para ela — talvez esse seja o caminho de quem é paciente da consulta logoterápica: descobrir a paciência não da resignação, mas da revelação ou descoberta de novos sentidos! E "a capacidade de suportar o próprio sofrimento", nessas condições, "nada mais é que realizar o que chamo de valores de atitude", "o valor supremo", "o mais alto valor" que permite "cumprir o sentido mais profundo" (Frankl, 2015, p. 73).

É aqui que a pessoa se dispõe a transformar o imutável. Não se muda a doença, mas muda-se a atitude ante ela. Não se muda a morte, mas a atitude ante a vida. É um processo de converter a dor, a culpa e a morte em atitudes responsáveis que fazem valorizar os momentos. Como tantas pessoas que passaram por tantos desafios em suas vidas e começam a empreender no campo social para ajudar outras pessoas que passam pelos mesmos desafios. Como tantas pessoas com doenças crônicas que enxergam os momentos da vida com maior apreciação. Trata-se de "aceitar um sofrimento que vem necessariamente marcado pelo destino", mas não o aceitar de maneira inerte; não se trata de aceitar "um sofrimento desnecessário", que deve ser evitado; trata-se de ter uma atitude onde a atitude parece inexistente a priori. É por isso que um cognato de *patiens* é *pathos*, palavra que significa, entre outras coisas, emoções. É sobre aceitar emoções desafiadoras e não as negar. E, por fim, talvez possamos inferir que Hermann Cohen, ainda que não atribua o nome, esteja inferindo sobre a *em-patia*: a ideia que o *pathos* do outro pode ser, no mínimo, compreendido por quem também sofre com o peso de seu próprio *pathos*.

Nesse processo que podemos aqui chamar *empático*, percebe-se ainda mais o valor da comunidade (Cohen), onde o encontro (Jaspers) entre Eu-Tu (Buber) emerge via uma comunicação eficaz (Bühler), que almeja a melhora da sociedade (Eucken) por meio da ação (Scheler). Esse sentimento de solidariedade (Adler) é o que permite uma saudável relação dialógica.

É nessa caminhada que o livro *O sofrimento de uma vida sem sentido* é dedicada a Leo Beck, uma figura controversa, mas que assenta em si todos esses aspectos. Liderança espiritual da comunidade judaica em Theresien, era o principal negociador da comunidade judaica com o regime nazista. Por exemplo, conseguiu, certa vez, organizar que crianças saíssem de Theresien para Londres, via trem. Ao mesmo tempo, era acusado de impedir que os prisioneiros do Campo soubessem dos massacres em Auschwitz, impedindo o acesso à verdade. Seu foco era comunicar com seus companheiros para criar um senso de comunidade e de sociedade solidária, onde todos pudessem se sentir *bem* (na medida do que um campo permite). Agia como pastor ou padre (quando necessário para os poucos prisioneiros cristãos) e organizava palestras sobre Kant e Platão, oferecendo reflexões sobre o *para quê* de estarem lá e continuarem vivos. Focava no imperativo divino, o verbo *dever* já aqui explorado, instigando todos a pensarem em uma missão de vida. Talvez com Beck, Frankl tenha aprendido a ir para barracões em Auschwitz e Dachau, palestrar sobre sentido de vida. Talvez com Beck, tenha Frankl descoberto um senso de missão ainda mais aguçado que antes.

Já em Hipócrates, compreendeu seu foco no corpo e seu trabalho como médico, e em Freud, seu trabalho como psiquiatra. Durante os campos, Frankl salvou vidas, seja cuidando em casos de febre tifoide, uma aguda doença bacteriana, transmitida por mosquitos ou roedores, que sem tratamento levava quatro semanas para uma cura, mas que no caso de uma ampla maioria conduzia à morte (dezenas de milhares só em Auschwitz); seja antes e durante o trabalho de pós-venção a tentativas de suicídio e prevenção nos casos identificáveis (geralmente os homens deixavam de fazer a barba parecendo menos saudáveis porque simplesmente desistiam). Finalmente, regressando a Scheler, compreende-se a dimensão da essência que busca sentido, uma dimensão que permite à pessoa ser *homo faber* (termo scheleriano) no fazer e *homo amans* na relação, alcançando a condição de *homo patiens*, sofrendo: é-se, portanto, o homem que doa de si para o mundo, o homem que se abre para receber amor do mundo e o homem que se faz capaz de sofrer no mundo, respectivamente, encontrando sentido em cada circunstância.

E, nesse esforço de autotranscendência pessoal em direção ao outro que emerge o diálogo e, por conseguinte, nossa capacidade humana de ver no Aí no Tu (no outro), o sofrimento que o Eu tem Aqui, e juntos agir num esforço de autotranscendência mútua, uma comunidade que percebe o papel um do outro. E aqui emerge:

A comunidade [que] se baseia no *nós*, isto é, na relação entre o *eu* e o *tu* (...). A comunidade humana aparece como algo *exigido* interiormente cujo sentido está na *ser-para-os-demais*. Assim, o sentido da personalidade humana é, para Frankl, sempre orientado e referido à comunidade (Xausa, 1986, pp. 135-136).



Referências

- Adler, A. (2005). *La Tecnica della Psicologia Individuale* (E. E. Marasco, Trad.). Newton Compton. (Trabalho original publicado em 1932)
- Bianchi, J. (2020). *Os escritos políticos de Cunha Leal e os impasses do colonialismo português em África (1961-1963)* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás]. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10865>
- Buber, M. (2014). *Eu e tu* (A. Morão, & S. Favila, Trans.). Paulinas. (Trabalho original publicado em 1923)
- Bühler, K. (2020). *Teoria da Linguagem* (P. Costa, Trad.). Kirion. (Trabalho original publicado em 1934)
- Cohen, H. (1995). *Religion of reason out of the Sources of Judaism* (S. Kaplan, Trad.). Scholars. (Trabalho original publicado em 1919)
- Frankl, V. (2005). *Um sentido para a vida: Psicoterapia e Humanismo* (V. Lapenta, Trad.). Idéias & Letras. (Trabalho original publicado em 1978)
- Frankl, V. (2010). *O que não está Escrito em meus Livros*. É Realizações. (Trabalho original publicado em 1995)
- Frankl, V. (2015). *O Sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver* (K. Bocarro, Trad.). É Realizações. (Trabalho original publicado em 1977)
- Frankl, V. (2016). *Psicoterapia e Sentido de Vida: fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial* (A. Castro, Trad.). Quadrante. (Trabalho original publicado em 1946)
- Frankl, V. (2020). *Psicoterapia e Existencialismo: textos selecionados em logoterapia* (I. Studart, Trad.). É Realizações.
- Frankl, V. E. (2022). *Sobre o sentido da vida* (V. Schneider, Trad.). Vozes/Nobilis. (Trabalho original publicado em 1946)
- Jaspers, K. (2022). *Caminhos para a sabedoria: uma introdução à vida filosófica* (C. Dornbusch, Trad.). Caminhos Vida Integral / Vozes. (Trabalho original publicado em 1953)
- Ortega y Gasset, J. (1914). *Meditaciones del Quijote*. Titivillus.
- Xausa, I. (1986). *A psicologia do sentido da vida*. Vozes.

Recebido em 11.02.2026 – Primeira Decisão Editorial em 18.03.2026 – Aceito em 30.03.2026